A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 28 | Domingo 9 de julho | 1893

Polycarpo Pecquet Ferreira dos Anjos

homem só é realmente digno d'este nome quando planta uma arvore, edifica uma casa e procria um filho.» Lendo estas palavras do grande Goethe, ai de mim, pensava eu que não era «realmente digno, de tal nome» visto que ainda não fiz nada d'isso.

E um grande desalento começava de invadir-me quando me occorreu a commoda e consoladora lei das compensações, mercê da qual uns resgatam as faltas dos outros.

Assim, olhando para aquelle cujo medalhão eu tenho hoje a subida honra de acompanhar com algumas linhas, alegrou-me a idéa que este meu sympathico e provadissimo amigo tem, só á sua parte, desempenhado os deveres que impenderiam a meia duzia, calculando muito por baixo, pois que as arvores que elle tem plantado, as casas que tem construido e os filhos que lhe devem o ser excedem mesmo a referida meia duzia.

Quero eu dizer com isto que o sr. Polycarpo Pecquet Ferreira dos Anjos é um verdadeiro homem na acepção plena do termo, tendo para mais aquillo que marca uma individualidade e accentua um typo, tendo essa cousa preciosa e unica que se chama — o caracter.

Filho de um negociante illustre, que deixou o seu glorioso nome vinculado a tanta iniciativa civilisadora e util, e a sua memoria perpetuada em tantas instituições sympathicas, filho de Flamiano Anjos, o sr. Polycarpo Anjos é em tudo, pelas prendas da sua nobre alma, pela integridade da sua consciencia e pela ponderada e sabia orientação do seu espirito tão methodisado e tão esclarecido, o digno continuador d'esse nome justamente, dignamente respeitado e bemquisto.

Simples, leal, sincero, vivendo a mais invejavel e a mais edificante das vidas, espalhando em volta de si o aroma das acções boas e das virtudes serias, fazendo do seu lar um templo e da sua familia um culto, o sr. Polycarpo Anjos é em verdade um d'esses antigos homens bons que em toda a parte serviram de modelo e de prototypo para serem imitados e para serem seguidos.

Na nossa tão torva e tão desquiciada sociedade contemporanea, a um tempo roida por todas as tristes doenças da alma e por todas as insaciadas febres do corpo, batida em direcções oppostas pelos mais estranhos refinamentos do goso egoista e dissolvente, e pelas mais torturantes e anciosas duvidas, a presença de meia duzia de espiritos, serenos e limpidos como o d'este meu querido amigo, representa uma lição e um balsamo, lição e balsamo que podem não servir a todos, que podem não aproveitar a muitos, mas que seguramente esclarecerão e fortalecerão alguns. . .

Se o mal catechisa e alastra, o bem influe e alenta, e n'este *struggle for life* dos seculos em que as duas forças gigantes tem vindo digladiando-se, a victoria não póde seguramente deixar de pertencer em ultima instancia a este, ou o mundo perderia a sua propria rasão de ser.

Ora o exemplo mais eloquente e mais alto de que todas as probabilidades da lucta serão pelo triumpho supremo da Honra, integrando em si todas as virtudes que constituem o que deva chamar-se um ser humano,

são precisamente os typos em cuja escala póde sem favor incluir-se Polycarpo Anjos.

Modelo perfeito e vivo de que não ha duas fórmas de moral uma publica outra particular, nem dois aspectos de caracter um social outro intimo, mas de que, homem só o é aquelle que faz obedecer os seus actos aos seus pensamentos, pois que estes se nutrem com o nosso proprio sangue, com a nossa propria carne e são emfim o molde da nossa alma, o sr. Polycarpo Anjos é como cidadão, como negociante, como chefe de familia, como homem publico um só e mesmo individuo, digno, incontaminado, limpo, e nunca precisou nem precisará — a prophecia é facil de fazer-se — de explicar aos seus olhos ou á sua consciencia, o motivo de nenhuma duplicidade de proceder ou de pensar.

Quem assim é pertence portanto ao numero d'aquelles de quem o philosopho diz que a vida deve ser um espelho e as acções uma trombeta, e só causa lastima que os organismos em tanta maneira privilegiados de homens taes nem sempre exerçam no seu meio e na sua epocha toda a influencia que deveriam exercer, porque elles são a verdadeira aristocracia da especie, aristocracia que vae desde os modestos e obscuros cumpridores do austero Dever e da inilludivel Honra, até aos que no cume da escala ensinam á Humanidade como se pensa, como se sente, ou como se lucta...

Para mim, que da insignificancia do canto que na existencia occupo não afiro as individualidades pelo que ellas representam no conflicto social mas pelo que realisam em beneficio ou em gloria para o melhoramento do coração ou do espirito, os homens como o sr. Polycarpo Anjos são os verdadeiros missionarios das duas unicas grandes cousas que se conhecem no mundo, que o formam, e que o impulsionam: — a Verdade e o Bem.

Qualquer que seja o ponto da linha em que este meu amigo—a quem eu devo tantos e tão delicados testemunhos de estima e de carinho — porventura esteja collocado, faz parte d'ella, e isso me basta saber.

Outros servirão os seus irmãos com mais brilhantismo ou com mais talento, nenhum os serve com um caracter mais alto e uma consciencia mais clara.

Affonso Vargas.

CHRONICA ELEGANTE

Uma das cousas mais interessantes a ver, em chegando esta epocha do anno, é o *steeple-chase* a que se entregam as diversas estações thermaes do paiz, apregoando por meio de correspondencias e annuncios nos jornaes de Lisboa, não o valor e efficacia das suas aguas, mas o enthusiasmo e animação delirante das suas valsas!

Assim, estação thermal que não apresente dous *pic-nics*, tres burricadas, duas regatas e dois *cotillons* por semana — pelo menos — é uma estação thermal perdida!

Quando as Caldas do Gerez fazem saber ao mundo que um animado *pic-nic* se realisou entre as seculares carvalheiras da floresta de Leonte, salta logo a estação de Vidago a reclamar a primasia, em nome de uma brilhante illuminação de balões venesianos e de uma incomparavel *escosseza*, dansada com delirio, nas salas do seu club, por mais de cincoenta pares.

Se as Caldas da Rainha inscrevem na lista dos seus banhistas o titulo pomposo de quatro condes, as Pedras Salgadas veem declarar immediatamente que ali chegaram tres viscondes, dous conselheiros e diversos commendadores, com as suas respectivas corôas, consortes, cartas e joanêtes!

E, de anno para anno, de tal modo se vae accentuando esta prosapia dos folguedos nas diversas estações balneares, que dentro de pouco tempo serão preconisadas, menos pela efficacia das suas nascentes, do que pela especialidade das suas distracções.

Se um desgraçado que padeça do figado consultar um amigo a respeito da estação thermal que deva escolher para n'ella fazer uma cura radical, terá de ouvir o seguinte:

— Vidago? Para affecções hepathicas, não sei; mas para polkas — mazurkas, não conheço outra!

— E o Gerez?

— Oh! É admiravel em *pic-nics!* É como as Pedras Salgadas para regatas; as Caldas da Rainha para titulares e cavacas, e as Caldas de Vizella para ecclesiasticos e môscas.

Emquanto vae augmentando esta animação nas estações do norte do paiz, Cintra, que é o refugio da gente elegante de Lisboa, conserva-se n'uma pacatez adoravel. Até agora, nem um *pic-nic*, nem uma quadrilha, nem uma passeiata ao castello dos mouros! Bastante pó e bastante sol pelas ruas da villa, e uma ou outra familia ingleza de passeio até Collares, e eis tudo!

Á falta, por isso, de outras distracções, alguns hospedes do hotel *Lawrence* teem passado as noites de luar sentados no terraço, ouvindo com delicia um respeitavel ecclesiastico portuguez tocar violão e cantar *malagueñas*. Foram dois sacerdotes inglezes que, indo de passeio até Cascaes, ali encontraram o padre portuguez, entregue aos formosos descantes andaluzes. Convidaram-n'o logo a ir a Cintra, e o reverendo, acceitando a proposta, lá marchou pela estrada fóra, de violão ao peito, como um menestrel da meia-edade, soluçando, sob os balcões rendilhados, os mais ternos, mais dôces e mais apaixonados cantares hespanhoes!

Desde as tristes endeixas que Bernardino Ribeiro cantava sob a janella de Beatriz, ainda — segundo nos affirmam — se não ouviu em Cintra mais linda voz de tenor do que a d'este reverendo, quer seja arrastada nos lugubres compassos do cantochão, quer seja garganteada e suspirada nas trovas flamencas d'uma sevilhana.

Temos, pois, resuscitado o pittoresco e apreciavel sacerdote do tempo de Tolentino, que cantava, pela manhã, matinas, e á noite, nos saraus, cantava modinhas.

E digam-nos se as Caldas, com as suas dansas, e o Gerez, com os seus *pic-nics*, podem acaso competir, este anno, com Cintra!

GRAZIEL.

PECCADO ANTIGO

(EXCERPTO)

Damos em seguida um trecho do romance do nosso amigo e distincto escriptor Manuel da Silva Gayo, romance que deve ser exposto á venda ámanhã n'um elegante volume, impresso em uma das melhores typographias de Coimbra.

Manuel da Silva Gayo é um dos poetas mais conceituados da geração moderna. As suas poesias teem um encanto especial pela espontaneidade do sentimento e pelo primôr da fórma.

N'este seu novo trabalho litterario, affirma-se Silva Gayo um excellente estyllista.

A minuciosa descripção que faz d'uma capella, revella-nos uma notavel observação artistica e um conhecimento perfeito do assumpto que trata; e com o seu temperamento impressionista, surprehende a luz e a côr em todas as mais delicadas cambiantes.

Filho do auctor do *Mario* e do *Frey Caetano Brandão*, Silva Gayo continúa nas lettras as tradições de familia.

O *Peccado antigo* terá sem duvida o lisongeiro e festivo acolhimento que teem tido os seus livros de versos e a sua collecção de chronicas litterarias.

....

Na austeridade fria da sua vida tinha um fraco: o luxo da devoção, amando no culto tudo quanto era prestigioso e magnifico, porque a deliciava o sentir-se ainda mais humilhada em frente da visivel e material glorificação...

Era como se a gula dos seus olhos ajudasse o vôo da sua oração, como se Deus lhe estivesse mais presente junto d'esses altares que lembram grutas de sonho oriental, em fundas capellas onde a luz furtiva córta de brilhos fulvos as penumbras doiradas...

No entanto, quando da sala dos retratos entrou no côro, penetrou-a uma vaga emoção de pudor piedoso, como se a ferisse um tal aspecto de arte excessiva, como se nada alli fallasse, em tal momento, á sua alma doente.

Toda apainelada em talha entre as fachas de marmore das pilastras, a capella de Santo Hilario, illuminada vagamente pelo oculo do côro, parecia-lhe uma camara de valída, na graça opulenta dos ornatos: molduras de acanthos de ouro, coroadas de ovalos e escudos em concha, cercavam, dando-lhes resalto, trechos e quadros sagrados onde os santos sorriam, n'um ar de festa. Por sobre a larga cimalha, assente em misulas cintadas de festões, o tecto abaúlava n'uma curva dôce, revestido de pintura leve em grinaldas e *agrafes*, a meio da qual, tomando todo o centro, se desenrolava, sobre nuvens, um fresco opulento e decorativo. Era uma gloria de ascensão, onde as figuras, nos fugidios aspectos e attitudes do escôrço, na nobreza dos largos panejamentos, pareciam nadar em purpuras fluidas, e ouros vivos, sob raios claros d'um sol mystico. O pulpito branco e ouro, erguido á direita junto da teia de ébano, tinha uma aerea graça de balcão, aberto de finos balaustres, sob um docel em alpendre. A dentro da teia, para a direita, penetrava-se na sachristia, e da esquerda, sob a pedra d'armas, ficava a capella antiga da casa, e a cuja entrada se erguia o confessionario; a lembrar, alli, mysterios de peccado galante, absolvições indulgentes...

Mas o encanto da capella era o altar-mór: a abside rectangular, com tecto apainelado em decoracões de lacca e ouro, e de cujo centro pendia um volteante e contorcido lampadario de bronze doirado. As paredes, onde abriam duas frestas envidraçadas a côres, eram apaineladas tambem, expondo festões de flôres e cachos de anjos, sob escudos e coroamentos em *rocaille*, n'uma decoração rica de opera. Fazendo o fundo do altar, e dando realce á prata dos candelabros, ao livido marfim d'um crucifixo, impunha-se, na luz branda e coada, um quadro de mestre, scena da vida do santo invocado: *Um resgate de captivos*, n'uma composição nobre, de tons fundidos e ricos, carnações pallidas, tudo entoado n'uma gama unida dos valores, afinado n'uma dominante de doirado purpureo esbatido. A direita, sobre o tapete de *raso*, erguia-se uma refolhada *console* Luiz XV, destinada ao serviço do altar, e da esquerda aprumava-se, logo á entrada da capella-mór, a larga poltrona em talha de ouro, onde outr'ora aquelle velho senhor de Santo Hilario ouvia as predicas, em desconto de antigos peccados e escandalos de côrte...

Quando Maria de Noronha entrava no côro — aberto em balaustrada, mobilado com um pequeno orgão e cadeiras altas de pau santo — ainda umas criadas dispunham, lá baixo, os ultimos ramos, nos *potes* e *canudos* do altar, nas floreiras *crivadas* das paredes, nos jarrões da India á entrada da capella-mór, sob as sanefas de damasco franjado.

Aos lado do altar, já coberto do frontal branco lavrado, alinhavam-se em vasos lirios e *bordões de S. José*, na sua alvura lactea e symbolica de pureza, emquanto junto da teia e por cada angulo da capella se arredondavam grossos tufos de hortensias, a flôr amiga dos claustros.

Mas nada lhe dizia, a ella, a gama viva d'aquelles festões e mólhos de flôres, a neve dos *bordões*, e o sangue das rosas que tomavam as jarras do altar.

Eram para os noivados dos que se amavam; e a sua boda, outr'ora, fôra triste como um sacrificio de toda a alma, como uma prostituição sem amor.

E mais do que nunca soffria ao vêr como na vida se póde entrar sorrindo... Só ella, então, vivera sempre para soffrer, e agora ainda mais, ao sentir avivado aquelle espinho de remorso antigo. Porque não teria morrido antes do que atraiçoar a sombra amiga, quebrando esse juramento com que tinha illuminado, por instantes, uma vida amada?... A ninguem mais, era certo, tinha pertencido o seu coração; mas outro depois lhe possuira a belleza e a mocidade e se julgára talvez feliz, tomando por amor o que o não era, ou querendo d'ella apenas o trago dôce do prazer, sem paixão, sem partilha, sem echo... Só poderia adormecer aquella scisma confessando tudo, e áquelle mesmo que incomprehensivelmente lh'a avivara.

E pensava ainda, no seu escrupulo devoto: o crime do peccado reservado nem só a mim me poderá ferir; devo estar purificada ao abençoar a minha filha, para que ella por mim nada soffra...

Por isso, quando, mais tarde, lhe annunciaram o padre Anselmo, foi logo pedir-lhe que a ouvisse de confissão...

MANUEL DA SILVA GAYO.

A BENGALLA

Escreve A. Karr:

Nunca um homem usará uma bengalla com a mesma graça com que uma mulher elegante usa um guardasolinho. A maneira de usar a bengalla tem variado com o tempo. Assim, houve uma occasião em que a moda prescrevia que um janota usasse a bengalla, applicando o castão aos labios. Todos os elegantes de Paris e do resto do mundo obedeciam a essas prescripções, tal qual como n'um dia de revista quando se faz manobrar n'um vasto terreno a tropa de linha e a guarda nacional. Á voz do commando «apresentar, armas!» ha apenas um ruido e apenas um homem. Assim, apenas a moda ordena: «o castão da bengalla junto aos labios!» todos os elegantes de Paris collocam a bengalla junto á bocca e todos os elegantes do resto do mundo seguem os primeiros com mais ou menos regularidade. De repente, grita a moda: «bengalla no bolso!» e a mocidade elegante de Paris e do mundo mettem a bengalla e a mão que a segura no bolso do *paletot*. Algum tempo antes, quiz a moda que o braço se enlaçasse em volta da bengalla como o pampano em volta do tyrso, e que a bengalla, surdindo debaixo do braço, apparecesse espetada como um esporão.

Durante muito tempo se observou que tal uso da bengalla expunha os tranzeuntes a perigos constantes, deitando por terra os chapeus, furando os olhos. Eram, emfim, constantes scenas aggressivas, que se podiam admittir quando os homens usavam o tomahawk, adaga ou florete; mas que, em rigôr, não iam bem com a fragilidade de um modesto junco.

Considerou-se então que, dada a modestia dos janotas e a sua distancia d'um antigo mata-mouros, seria prudente cada qual recitar, em jejum, como uma prece, a fabula em que La Fontaine conta como a panella de barro se despedaçou d'encontro á panella de ferro.

OLHAR DIVINO

ROZAES de aroma que estonteia,
Jasmins de divinal perfume,
E que élos sois d'uma cadeia
Que o céo resume;

Da primavera os élos sois,
D'essa estação, cheia de auroras,
Que em todo o inverno emfim, depois,
Ó alma, choras;

Da primavera que é um canto,
Sonho fugaz, doce chymera,
E ás vezes tem o nome santo
De Amor, — eterna primavera:

Ide dizer-lhe que a vi hoje,
Na branca nuvem que alem foge...
Tinha na face um resplandor,
E na cabeça um tal diadema,
Que todo o céo, em de redor,
Era um cachão de luz suprema;
O olhar divino era tão puro,
Que o céo, ao pé, ficava escuro.

Flores, que tendes branca face,
Doiradas petalas tambem,
E ao que por vós um dia passe,
Fazeis o bem;

Ó madresilvas, meus amores,
Nascidas onde quer que seja,
Doces irmãs das outras flores,
Que Deus proteja;

Violetas meigas e modestas,
Que andaes perdidas nos vallados,
Da rocha viva nas arestas,
E aromas tendes sublimados

Ide dizer-lhe que a vi hoje,
Na branca nuvem que alem foge...
Tinha na face um resplandor,
E na cabeça um tal diadema,
Que todo o céo, em de redor,
Era um cachão de luz suprema;
O olhar divino era tão puro,
Que o céo, ao pé, ficava escuro.

LUIZ OSORIO.

FOLHETIM

UMA FLOR D'ENTRE O GELO

III

A descoberta impressionaria Jacob Granada por vêr n'ella uma flagrante infracção de preceitos medicos, commettida por uma das mais rebeldes doentes da colonia?

Com difficuldade se convenceria que fosse essa a causa de tão extraordinaria surpresa quem n'esse momento lhe estudasse a physionomia com alguma attenção.

De facto era notavel a mudança

O ar de sombria severidade, que lhe era habitual, desvaneceu-se como por encanto, e um sorriso, phenomeno raro n'aquelle semblante carregado, suavisando-lhe a dureza typica dos contornos, pela primeira vez o mostrou capaz de uma expressão de affabilidade e de brandura que ninguem conhecia n'elle.

No olhar havia chammas que contradiziam a frieza de que fazia ostentação, nos labios uns visos de bondade a protestarem contra a velha reputação de rispidez que adquirira.

Era uma metamorphose cômpleta.

A mulher que, sem o saber, se tornara o objecto d'este silencioso exame e a causa talvez de uma profunda revolução n'aquelle espirito que se julgava morto para as impressões violentas, continuava, no entretanto, escrevendo com uma rapidez que parecia querer acompanhar a dos pensamentos que lhe acudiam.

Affirmar-lhe a belleza, mas desistir da tenção de a caracterisar é o mais que póde fazer quem não possuir o segredo de certas physionomias que nos impressionam, que nos enthusiasmam, por não sei que fatal influxo que parece irradiar-se d'ellas. Está o mysterio na pallidez diaphana do rosto? no quebrar voluptuoso de uma vista cheia de languidez? no ondeado elegante de tranças negras e macias? na inexprimivel melodia de certas inflexões de voz? em um arfar de seio promettedor de delicias? Quem o póde dizer? A influencia sente-se: não se explica.

O bello que a arte, debaixo de qualquer das suas manifestações, consegue realisar, ainda se estuda, ainda de alguma maneira responde ás interrogações analyticas do artista philosopho.

O pintor consegue pelo estudo entrever o mysterio que faz grandes as obras dos mestres; o musico, o segredo de harmonia das mais sublimes composições da sua arte.

Mas o bello na natureza é mais independente d'essas leis que a meditação sobre os grandes modelos póde descobrir o que ha muito a arte formulou. Vemos ahi a cada passo dissonancias que agradam e arrebatam; combinações de côres, em que a vista, mau grado as leis do colorido artistico, se repousa deliciada; physionomias que seduzem, a despeito dos reverenciados moldes gregos, que a arte admira como a suprema manifestação da belleza humana e que a natureza infinitas vezes com felicidade despreza.

Descrever fielmente uma d'essas bellezas mysteriosas, analysal-a feição por feição, é tentativa infructifera.

MODAS

Decerto já todas as minhas leitoras terão promptas as suas *toilettes* de verão; tanto as de campo como mesmo as de praia. Fallarei portanto hoje n'esses mil pequenos accessorios que embellezam e completam as *toilettes* a ponto de se tornarem hoje indispensaveis.

As capas cada vez tem mais voga, não fallo nas capas de abafar, mas n'essas proprias para o verão, de seda ou de renda, sempre profusamente guarnecidas e que imprimem á *toilette* um *cachet* especial de elegancia. As parisienses tem sobretudo adoptado a capinha de *tulle grego* bordada a vidrilhos e tendo em volta á borda varias ordens de fita que poderá ser de seda ou de velludo.

Preferindo-se a capa de seda, será de bom gosto escolher a seda mais moderna, a *serpentine*, produzindo sempre lindo effeito aquella graduação de tons suaves e pallidos.

As *blouses* cada vez fazem mais furor, o que não admira, pois devemos confessar que este traje é elegante, fresco e commodo; querendo dispensar o cinto, traça-se a *blouse* na frente indo fechar atraz na cintura com um laço ou roseta feito da mesma fazenda.

Por cima das *blouses* começam-se já a pôr uns pequenos *zouaves*. Estes deverão ser de panno, ou o que é mais elegante, de seda forte, no tom predominando na *blouse* mas em mais escuro; ha comtudo quem os prefira de seda preta e sem duvida estes, cobertos de vidrilhos são lindos e do melhor gosto.

Nos chapéos ha a maior variedade, permittindo-se a maior excentricidade sobretudo nos chapéos de praia. Os enormes chapéos de Panamá são praticos e bonitos, usando-se muito para andar embarcado; não tem menos voga uma palha torrada que geralmente se enfeita com renda preta espertada por alguma flôr vermelha. Outros chapéos claros enfeitam-se com azas pretas, ora na frente, ora atraz, misturando-se-lhes cerejas vermelhas o que produz lindo effeito apesar da combinação parecer um pouco disparatada.

No seu chapéo de sol tambem a elegante deverá cuidar; deverá este ser sempre em harmonia com a *toilette*; segundo as occasiões deverá ser de renda ou de seda preferindo-se a *moire* o *tulle* etc. Os cabos delgados e finos, *fin de siècle* estão geralmente adoptados.

GIL-BERTA

Anniversarios da semana

Domingo 9 — As sr.as: D. Anna de Sousa Coutinho Mendóça (Linhares), D. Anna Carolina de Magalhães Ferraz (Santa Luzia), D. Emilia Possolo de Sousa.

E os srs.: Jorge Maria Bessone, Alfredo Achilles Monteverde, Segismundo Caetano da Silva Costa, Henrique Serzedello, José Carlos Plantier Martins.

Segunda-feira 10 — As sr.as: Viscondessa de Sacavem, D. Carlota de Lencastre (Louzã), D. Antonia Ferreira, D. Amelia Santiago, D. Paulina do Rosario Almeida, D. Elisa Loureiro de Serra Pinto, D. Paulina Almada de Lacerda.

E os srs.: D. Fernando de Sousa Coutinho (Redondo), Antonio Falcão Cotta Calheiros de Menezes (Azevedo), Dr. Alfredo Filgueiras da Rocha Peixoto, John Hannah Smart.

Terça-feira 11 — As sr.as: Condessa das Alcaçovas (D. Rita), Viscondessa de Ribeiro Real, D. Maria Joanna de Azevedo Coutinho, D. Maria Bernardina da Gama Lobo Salema, D. Julia Amelia de Sampaio, D. Izabel Maria Dias Monteiro.

E os srs.: Antonio de Carvalho Daun e Lorena, Antonio Luiz Al-Alves, Guilherme Sabino Cabral, João Correia Botelho de Castello Branco.

Quarta-feira 12 — As sr.as: Condessa de Nova Gôa, Viscondessa de S. Sebastião, D. Constança Kanlzou (S. Jorge), D. Maria Christina Alves de Sousa Guimarães (Bolhão), D. Maria Leonor de Castilho, D. Henriqueta Pires, D. Camilla de Paiva Raposo, D. Maria da Conceição de Sousa Pinto de Moraes Sarmento.

E os srs.: Barão da Ribeira Pena, General Henrique Cesar Rollin, Luiz Gonzaga Godinho Brandão Perestrello (Balsemão), Dr. Arthur Eduardo Manso Breto, Estevam José de Oliveira, Adolpho Burnay, Francisco Simões Margiochi Junior, João Gualberto de Sá Pinto Sotto Mayor, José Nogueira de Carvalno.

Quinta-feira 13 — As sr.as: Condessa de Bertiandos (D. Anna), D. Maria Emilia Faria da Fonseca e Simas, D Anna Mendes Norton, D. Maria Amalia Santa Clara, D. Emilia de Magalhães.

E os srs.: D. José Francisco de Noronha, Dr. Rodrigo Xavier d'Almeida Garrett, Antonio Maximo da Costa e Silva, Carlos Faria de Mello, José Thomaz de Figueiredo e Aragão.

Sexta-feira 14 — As sr.as: Condessa do Calhariz de Bemfica (D.

Do todo é que procede o encanto, uma vista unica o concebe, um estudo minucioso desconhece-o.

Pintam-se as flôres, mas os perfumes subtrahem-se ao p ncel; ora a belleza feminina tem como as flôres o aroma que inebria; a mais exacta descripção não o póde reproduzir.

E a belleza de Valentina mais que todas, tão dependente como era da vida que a animava, seria pallidamente concebida pela copia mais fiel.

O que n'ella mais fascinava era de facto a quasi scintillação d'aquelle olhar eloquente, as caprichosas contracções dos labios, os movimentos graciosos da cabeça, que ora inclinava languida, ora erguia com vivacidade nervosa, o rubor intenso e a profunda pallidez que alternadamente á menor causa lhe invadiam as faces, todos estes effeitos de um caracter por naturezo movel, de uma sensibilidade extrema, que a primeira observação revela, mas que paginas inteiras não bastariam para descrever.

Dir-se-hia a personificação de um capricho, mas de um d'esses caprichos que, se com exigencias nos revoltam, com attractivos nos desarmam. Na volubilidade das feições, no arrojo do penteado, nas graças do vestir negligente, na leviandade com que tratava as cousas sérias e a sisudez que lhe mereciam outras insignificantes e pueris, denunciava-se a todo o momento aquella indole essencialmente feminina.

Confiando-se aos cuidados medicos do doutor Jacob, era pois de prever que, por impulsos d'esse genio indomavel, se revoltasse contra a vontade despotica que elle pretendia exercer sobre todos os seus doentes.

Effectivamente ninguem lhe tinha ainda mostrado uma tal insubordinação, mas tambem ninguem encontrara ainda da parte do medico israelita tão absoluta tolerancia.

Só Valentina se atrevia a discutir com elle o valor de algumas prescripções, só ella abusava dos epigrammas sobre medicos e medicinas, que Jacob Granada de ninguem escutava impassivel, como fervoroso crente que era na realidade da sua sciencia.

O fanatismo medico que anathematisava Rabelais, Molière, Bocage e a turba menos famosa dos que todos os dias insulsamente lhes parodiam e paraphraseiam os epigrammas, despojava se da sua severidade para acolher com um sorriso as allusões satiricas de Valentina, que fazia do seu scepticismo gala.

Esta condescendencia excepcional no doutor fôra já detidamente commentada nos circulos onde se discutiam os successos mais notaveis d'aquelle monotono, mas salutifero viver de aldeia.

Os espiritos mais malignos aventuravam insinuações, tanto mais jovialmente recebidas, quanto menor era a plausibilidade d'ellas.

Riam-se do engraçado da supposição, como de um disparate irrealisavel; mas a fama de inflexibilidade e dureza de Jacob Granada nem de leve se sentia abalada pelo roçar d'estes gracejos que lhe voejavam em torno.

Abria-se uma excepção a respeito de Valentina. A natureza humana havia de revelar a sua fraqueza originaria alguma vez.

Todas as invulnerabilidades são como as de Achilles, ha sempre um calcanhar que as atraiçôa.

Mas uma simples condescendencia, um assômo de delicadeza para com uma mulher joven e elegante, não contradiz uma reputação que mil provas solidamente firmaram.

Izabel), D. Innocencia Maxima de Sousa Rangel (Cedofeita), D. Adelaide Ferreira dos Santos e Silva, D. Marianna Ottolini, D. Adelaide Sophia de Freitas, D. Maria Leopoldina de Sousa Rodrigues, D. Maria Margarida Stokler de Salema Garção.

E os srs.: Conde d'Alemtém, Visconde de Desgracias, Luiz Zeferino Carneiro Rangel Vieira de Mello Cabral (Lages), Joaquim Perdigão d'Almeida da Camara Manuel, Izidoro Leonardo d'Almeida Costa, Carlos Ernesto Arbués Moreira, Diogo José Botelho da Cunha Rebello.

Sabbado 15 — As sr.as: D. Marietta da Costa (Villa Franca), D. Maria Francisca Portocarrero, D. Margarida Amalia da Silva Castro, D. Adelaide Alves Ribeiro Trony, D. Francisca Ferreira Pinto Basto, D. Maria José Correia Godinho Guerra, D. Georgina Correia d'Almeida.

E os srs.: Dr. Antonio José Lopes Navarro, Hermano Frederico Moser Junior, Camillo Francisco Froes, Julio Luiz Felner.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

CARTAS Á FILHA

Devo hoje falar-te da mobilia da tua casa, da maneira de a adquirir e dispôr, em relação com os meios que possuir teu marido.

É o caso em que te deves deixar guiar pelo bom senso, que não xclue o bom gosto, antes pelo contrario. Teu marido será sempre ouvido nas compras importantes.

Não mobiles e não prepares a tua casa, sem pensar no futuro; e, por consequencia, resigna-te a ter uma casa modesta, se assim fôr necessario.

Uma mobilia mais luxuosa do que o permittem os meios de fortuna, importa logo desiquilibrios financeiros, que são causa de continuas preoccupações e dissabores. Considera ainda que o interior luxuoso de uma casa necessita de cuidados especiaes, obriga a augmentar o numero de criados, e prende a attenção da dona da casa, attenção que póde ser empregada em assumptos de mais utilidade.

Quando está para chegar o primeiro filho, em quantos *ménages* este acontecimento produz sobresaltos?! Não houve desde começo o espirito de ordem e de economia indispensaveis para a felicidade domestica. Dispendeu-se em objectos de ostentação e de luxo o que devia ser destinado ao necessario. Não se pensou nas despezas que necessita a entrada no mundo d'um pequenino ser. Assusta o augmento de encargos pecuniarios que nasce com a sua vida.

Já se não pensa na alegria do primeiro vagido da creancinha, e assim, a apparição do filho, que deve ser considerada como uma benção, é quasi considerada como uma afflicção!

Não faltam razões que se opponham á tendencia hoje tão vulgar dos noivos em dispender em objectos de fausto, de ostentação e de luxo, no arranjo da sua casa, o dinheiro que em breve se torna preciso para o necessario da vida. Vale mais para a felicidade conjugal que nos contentemos com o *aurea mediocritas* (como dizia um escriptor latino, e que se traduz para *feliz mediocridade*) do que toda essa riqueza de salões, que, em geral, servem mais para uso e gôso dos estranhos do que para uso e gôso proprios.

UMA RECEITA

Meio de transformar o gêsso em velho marfim. — Um individuo que não possue fortuna para ter em sua casa uma collecção de estatuetas de bronze, e que detesta o aspecto secco e frio do gêsso, adquiriu por uma insignificante quantia uma collecção de bustos e baixos-relevos Eram todos de gêsso.

Dissolveu depois cêra resinosa côr de laranja n'uma porção de espirito de vinho, para não produzir um brilho demasiado; e, por meio de um pincel, applicou esta droga sobre cada um dos objectos. Passado tempo, todos aquelles bustos pareciam de velho marfim. Experimentem, e verão.

EPHEMERIDES SEMANAES

2 — Realisa-se na praça do Campo Pequeno uma das melhores corridas da epocha, reapparecendo os afamados bandarilheiros, irmãos Robertos.

3 — Parte para Madrid a senhora Duqueza de Montpensier.

As immunidades, de que Valentina gosava, acabaram por ser olhadas com o indifferentismo com que recebemos todos os factos consummados. Ninguem comtudo se sentia com forças para repetir a experiencia.

Um dos motivos de revolta mais frequentes em Valentina eram as idéas um pouco materialistas do seu facultativo.

Com grande espanto e quasi terror dos que a escutavam, a cada passo se arvorava em defeza dos padecimentos moraes, em cuja existencia Jacob Granada parecia não acreditar.

— Desafio-o, meu caro doutor, — disse-lhe ella uma vez, armando-se de um dos seus sorrisos mais provocadores — desafio-o a que me aponte com o dedo a lesão physica que me trouxe aqui ou me diga ao ouvido a droga medicinal que me deve curar. Rio-me interiormente sempre que o vejo tomar-me o pulso, inspeccionar-me a lingua, auscultar-me o palpitar do coração e sentar-se para formular. Eu sei mais da minha doença do que lhe podem ensinar todos esses livros de grande formato, que folheia até altas horas.

«Creia-me, doutor, se quizer ser medico eminente, estude menos a anatomia do coração ou espiritualise-a. Olhe que nem todos os padecimentos d'elle são aneurismas ou lesões semelhantes.

Estas palavras, que em outra bocca teriam provocado uma explosão no genio irascivel e intolerante do clinico, foram d'esta vez acolhidas com um sorriso singular, como até alli ninguem tinha ainda observado nos labios do doutor, e seguido de um silencio reflexivo, muito parecido a completa abstracção.

Desde o momento em que pela primeira vez colheu este animador resultado, Valentina declarou-se emancipada da salutar, mas pesada tutela do velho medico.

É assim que a vimos infringindo com todo o sangue frio uma das prescripções do doutor, e ainda d'esta vez a tolerancia excepcional do rispido facultativo para com ella não fôra desmentida.

Não era com mudas estupefacções e arroubamentos quasi extaticos que Jacob Granada costumava receber os delictos d'esta natureza.

O facto, com outro qualquer, obrigal-o-hia a romper em um accesso de indignação, que mais se lhe coadunava com a indole do que aquelle transportado enlevo em que ficara absorvido.

Um movimento inesperado de Valentina fel-o emfim instinctivamente recuar; a não ser isso, alheio a tudo o mais que o rodeava, o que o poderia chamar a si?

IV

Procurou então o abrigo das arvores, para d'alli, sem ser reconhecido, poder continuar a observal-a.

Valentina, ignorando-se espionada, entregava-se em plena liberdade ao trabalho de composição litteraria, no qual parecia empenhar todas as suas faculdades.

Ora escrevia com velocidade, como se a idéa, logo ao despontar, se modelasse immediatamente na fórma desejada; outras vezes, interrompia-se e inclinava a cabeça, como se luctando interiormente com uma difficuldade imprevista; mas a impaciencia natural d'aquelle espirito não lhe permittia longa hesitação; afastava-se então da capella com gesto de enfado, para voltar de novo, forçando a vontade, que por instincto se revoltava contra toda a especie de sujeição.

(Continúa). JULIO DINIZ.

— O coronel Dantas Baracho toma posse do commando de lanceiros n.º 2 e da brigada de cavallaria.

4 — É recebido em audiencia solemne por S. M. El-Rei, no paço das Necessidades, o sr. Georgevitch, que veiu em missão especial notificar a acclamação do Rei da Servia.

5 — É nomeada na alfandega de Lisboa uma commissão para inquirir das fraudes reveladas no parlamento e na imprensa, nos despachos de exportação para as nossas colonias ultramarinas.

6 — Conferencia entre o sr. ministro das obras publicas e o sr. Barão d'Anvers, para o estabelecimento de uma linha telephonica entre Lisboa e Porto.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

Real Colyseu

A companhia hespanhola de zarzuella attrahiu na noite da sua estreia uma enorme concorrencia de espectadores; mas nem todos ficaram satisfeitos, porque, esperando vêr representar as zarzuellas classicas de quatro ou cinco actos, com musica firmada por compositores de renome, a companhia se limitou a cantar duas comedias, mais ou menos semsabôres, com muito palavriado e muito pouca musica.

D'ahi, a revolta do publico que no final do primeiro acto manifestou, postoque brandamente, o seu desagrado. Com o decorrer do espectaculo, porém, a indignação dos espectadores foi-se accentuando e crescendo; e, antes de baixar o panno sobre o ultimo acto, já muita gente se havia retirado, para não assistir á tempestade que se desencadeiou em todo o theatro.

N'essa noite só foi applaudida a bailarina Fuensanta. Receiava-se que o tempo, implacavel nos damnos que produz, tivesse amortecido a graça, o donaire, a animação da gentil bailarina. Não succedeu assim. Comquanto a physionomia denuncie que Fuensanta se acha já atravessando o outomno da vida — estação que para alguns paizes e para algumas mulheres tem maiores encantos do que a primavera — ainda nenhuma a excede na maneira primorosa com que se apresenta, executando os passos mais difficeis da coreographia, com uma graça e uma flexibilidade de gestos, que constituem uma maravilha na sua edade.

Nas noites seguintes, a companhia, tendo escolhido outro reportorio mais em harmonia com o gosto do publico, conseguiu ser applaudida.

Durante quatro espectaculos, na segunda, terça, quarta, e sexta-feira, apresentou-se em um dos intervallos, o joven violinista hespanhol Juanito Manen, denominado *o pequeno Sarazate*. É o que se chama vulgarmente um prodigio.

Ninguem, ao vel o entrar em scena, vestido com uma infantil blusa azul, calção e meia, com a rabeca debaixo do braço, supporá que n'aquella creança está um artista de raça.

Com nove annos de edade, póde apenas exigir-se-lhe que tenha facilidade na execução.

Mas Juanito reune outras qualidades. Executa com uma precisão extraordinaria, e revella um sentimento artistico, que é uma admiravel precocidade.

Quer acompanhado pela orchestra, quer acompanhado ao piano, todos os trechos que toca são difficeis, e só se confiam a executantes de primeira ordem. Não denunciou a minima hesitação, e a maneira segura porque tirava o arco e a nitidez com que produzia o som justo, deixaram admirados todos os espectadores.

Foi Juanito calorosamente applaudido nas tres noites em que tocou no Colyseu. Agora parte elle para a America, onde seguramente encontrará o mesmo acolhimento que teve entre nós, e a que lhe dão direito, mais que a verdura dos annos, os superiores e incontestaveis meritos de artista.

A empreza annuncia para breve a estreia da famosa Fuller, a celebre bailarina creadora da *Dansa serpentina*, que tanto enthusiasmo tem causado nos principaes theatros de Paris e Londres.

Colyseu dos Recreios

A companhia italiana de operetta continua no Colyseu dos Recreios; e os espectaculos succedem-se todas as noites, com applausos para as irmãs Tanis, que são as perolas da *troupe*.

*

S. Carlos

É hoje que se realisa a matinée-concerto em beneficio do distincto barytono Baptista Rego.

*

Trindade

O *Segredo d'uma dama* cedeu o palco ao *Brazileiro Pancracio*, peça de costumes nacionaes, accentuadamente minhotos, com muitos bailaricos e muitos descantes populares.

Apesar do calor asphixiante da sala, não tem faltado concorrencia de espectadores, que se divertem e applaudem o espectaculo.

*

Rua dos Condes

A festa artistica de Cyriaco Cardoso, na sexta-feira, foi muito enthusiastica como era de esperar. O illustre maestro foi delirantemente victoriado.

*

Nos outros theatros teem continuado os espectaculos já conhecidos.

*

Praça de touros

Festa, verdadeira festa é a de hoje no Campo Pequeno.

Figura nos cartazes o nome laureado de José Joaquim Peixinho.

Que palavras elogiosas lhe poderemos consagrar que lhe não tenham consagrado?

O primoroso toureiro esmerou-se para nos dar uma festa digna do seu nome.

Como novidade temos Jorge Rebello da Silva, distincto cavalleiro-amador de quem o publico já tinha saudades.

Como homenagem ao beneficiado tomam parte os irmãos Robertos.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio**. **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1